
ENTREVISTA

MÔNICA CRISTINA CORRÊA

Mônica Cristina Corrêa tem se dedicado à tradução desde 1990. Além de obras literárias, traduz textos jornalísticos e os da área de ciências humanas. Mas não é apenas a prática da tradução que seduz Mônica. Ela também se debruçou na pesquisa em tradução, doutorando-se em Língua e Literatura Francesa pela USP, onde estudou questões relativas às dificuldades e transformações da tradução de imagens de uma língua-cultura para outra. Essa sua formação lhe proporcionou uma visão diferenciada ao traduzir: escolhe obras inéditas e pouco conhecidas, a fim de colaborar para que a cultura brasileira tenha acesso a obras francesas muitas vezes negligenciadas ou esquecidas. Tal abertura se justifica pelo fato de crer que ao tradutor cabe também o trabalho de investigação e descobertas, de indicar aos editores obras antigas ou contemporâneas que faltem ao mercado nacional. Ademais, Mônica tem um projeto de tradução voltado à difusão de obras literárias ou afins que abordem o “discurso francês sobre o Brasil”, dando seqüência à análise das questões da imagologia entre o Brasil e a França, sobretudo no que se refere aos textos franceses sobre o Brasil, pois neles insere-se a tradução do outro, a transferência de aspectos culturais de uma língua à outra. Atualmente, desenvolve um grande projeto cultural sobre as obras de Antoine de Saint Exupéry.

Andréia Guerini
UFSC

Cadernos de Tradução (CT): *Como e quando surgiu seu interesse pela tradução?*

Mônica Cristina Corrêa (MCC): Creio que tradução é antes de tudo um processo natural no aprendizado de qualquer língua estrangeira, sobretudo quando acontece na adolescência. É possível que as crian-

ças bilíngües não reflitam imediatamente sobre traduzir ou não, mesmo que façam tradução “automaticamente”. Já quando se aprende mais tarde, o que foi o meu caso, a passagem pela tradução é inevitável. Digamos que aí estava o germe; o interesse se manifesta justamente por um certo “estado de alerta” no qual, ao realizar uma tradução dentro do aprendizado, o processo começa a chamar a atenção. Assemelha-se a um jogo lúdico, que se inicia, parece-me, logo quando das primeiras redações em língua estrangeira. Pensando, naturalmente, na língua materna para criar pequenos textos, o aprendiz se pergunta “como é que vou dizer isto ou aquilo”, “será que é assim que se diz determinada coisa ou se expressa tal emoção etc.” e, por conseqüência, vai ao dicionário. E aí saem aquelas coisas engraçadíssimas que escrevemos nos primeiros tempos de língua estrangeira, como “j’ai gangé un sac d’études” etc. Quando vêm as correções dos professores, aqueles mais “vocacionados” para línguas não deixam de percebê-las, compreendê-las e memorizá-las. Assim, lembro-me de ter essa curiosidade sobre como dizer as coisas desde que comecei a estudar inglês, na adolescência, e admirava-me com as diferenças ou semelhanças inesperadas.

CT: Em relação ao aprendizado das línguas e ao próprio processo tradutório? Como se deu sua trajetória na formação como tradutora?

MCC: Seguindo minha curiosidade natural pelas línguas e pelo vai-vém dos “modos de dizer” e estruturar palavras, frases, expressões, entrei na faculdade de Letras da USP em 1984. Ia fazer o curso de português, mas como minha classificação permitiu, incluí italiano e francês no currículo. Era apaixonada por língua e literatura em geral, sem muita distinção, mas com a clareza de que a literatura é a arte que a língua viabiliza. Tinha apenas 17 anos. Fiz optativas de literatura comparada, grega, latina e infanto-juvenil, além das obrigatórias literaturas brasileira, portuguesa, francesa e italiana. Daí conclui-se que eu gostava muito da área. Com tudo isso, impossível que eu não comparasse os textos, as

culturas e as línguas. Sobretudo, imagine-se que estava num universo de línguas latinas e cheguei a confeccionar, para meus estudos, uma pequena gramática contrastiva entre o português, o italiano e o francês. Também me fascinou o estudo (parco, por enquanto) de latim e filologia românica.

Foi então que um professor de francês nos apresentou André Pieyre de Mandiargues, autor sobre o qual deu um trabalho. O texto era muito difícil para nosso nível, mas o que eu compreendera já me encantou e prometi voltar a ele mais tarde. Como entendê-lo mais perfeitamente sem tradução? Então, a tradução surgia no meu horizonte como uma forma de mergulho profundo no texto.

Ao terminar o curso de graduação, fiquei um tempo lecionando e em crise a respeito daquilo que eu queria fazer. Achava que se fizesse pós-graduação, talvez me entediasse. Eu estava cansada, pois minha graduação, pelo fato de ter realizado o extinto currículo 5 da USP, ou seja, português e duas línguas estrangeiras mais licenciatura, tomou-me seis anos. Dois anos se passaram e decidi fazer mestrado. A confusão nas escolhas era grande ainda, pois eu não conseguia separar língua e literatura. A tradução, exatamente naquele momento, veio como uma solução para mim. Que outro domínio poderia unir tão inextricavelmente as duas faces que me eram tão caras? E a resposta final estava naquele autor que me apaixonava, mesmo sendo-me um pouco obscuro: Mandiargues. Depois, cursando disciplinas do mestrado, percebi que, na área, as pessoas experientes não viam as coisas assim, principalmente porque tradução não se restringe, evidentemente, à literatura. Mas isso não mudava muito as coisas no meu universo particular; de fato, nunca me interessei por tradução técnica.

CT: O que é para você o ato de traduzir? E que aspectos no processo tradutório você considera mais gratificantes?

MCC: Vou classificar aqui o ato de traduzir como um ato de aproximação do texto e, principalmente, da intimidade da língua. A

necessidade de colocar-se, numa outra língua, uma expressão ou simples palavra que possa refletir qualquer coisa de uma outra cultura, dita ou escrita, é um ato de adentramento, de aprofundamento na língua de partida e, conseqüentemente, de chegada. Só se encontra uma maneira satisfatória de transpor um termo ou mais do que isso se houver a compreensão de uma totalidade do que foi expresso na língua de partida – e isso depende do contexto - e atingir-se, com a tradução, o objetivo de fazer compreender – adequando-se o contexto - na língua de chegada. Ora, isso não quer dizer “apropriar-se” da língua e transformá-la a seu bel prazer; não estou me referindo a processos psicanalíticos, mas ao próprio ato tradutório cujo objetivo principal é a comunicação, seja ela de qualquer nível. A satisfação, no meu caso particular – pois lido com textos de valor estético -, dá-se quando gosto do que produzi, quando percebo que há beleza e/ou força no texto de chegada e que esta se deve às minhas escolhas e dedicação.

CT: Qual o caminho para traduzir bem? E até onde a intuição interfere na tradução?

MCC: Quem dera soubesse responder! Eu crio caminhos diferentes a cada texto que tenho de traduzir, até porque são eles de naturezas diferentes. Eu já traduzi autores contemporâneos muito distintos uns dos outros e acabo de fazer um romance de George Sand, século XIX. Também fiz muitos textos jornalísticos e paradidáticos. Assim, diante de cada trabalho tive uma postura eleita para dar conta do recado. Sobre intuição, eu não sei se é possível incluí-la de maneira empírica no trabalho. Acho, sim, que há elementos para além do teórico no ato de traduzir, mas as escolhas que fazemos refletem antes nosso gosto e nosso histórico, menos uma “intuição”. Por outro lado, em se tratando de tradução literária, considero fundamental o envolvimento com o texto e sua historicidade. É preciso que se saiba bastante sobre a criação de um texto, sua situação histórica e suas condições, bem como a biografia do au-

tor, as circunstâncias de publicação etc. Uma obra, um texto compõem um todo, não são elementos isolados e desligados da vida humana. Portanto, não creio que seja interessante uma tradução baseada exclusivamente nos elementos lingüísticos, seria produzir algo “frio”. A pesquisa complementar, o gosto pelo texto de partida podem, dessa forma, talvez, guiar o que você chama de intuição.

CT: Qual é sua posição em relação à teoria, à prática e à crítica da tradução?

MCC: Vejo, pelas minhas posturas e posicionamentos, que tenho minha própria teoria, que acabo de descrever acima; é preciso envolver-se com o texto, apreciá-lo e permitir que ele se “desenvolva” dentro de nosso universo de conhecimento para recriá-lo. Assim, posso dizer que teoria é uma maneira que temos de traduzir; portanto, não pode ser separada da prática. Sobre os estudos tradutológicos propriamente ditos, parecem-me úteis se soubermos tirar das reflexões alheias um proveito para nosso trabalho. Não há matemática neste assunto; impossível dizer “traduza isto sempre assim”. Há o risco, sempre, de a prática inviabilizar certas teorias que num momento nos pareceram boas e aplicáveis. Isto é interessante para a independência do tradutor, que precisa saber que não está trabalhando num âmbito estanque e estável. A crítica ainda é o ponto nevrálgico do ofício. Temos de ser críticos de nossos próprios trabalhos e se tivermos em condições de sustentar nossas escolhas com motivações pertinentes, saberemos defender quaisquer pontos de vista. Assim, entre uma escolha e outra, quanto mais consciência de por que isto e não aquilo, melhor. Vou citar aqui José Paulo Paes, que afirmou “a crítica exige um *parti pris*”. Para dizer se uma tradução corresponde ou não ao que se espera dela, é preciso estabelecer parâmetros prévios e estes serão mudados a cada texto em questão, pois são tão instáveis quanto

as opções tradutórias, dependendo da circunstância e do direcionamento do texto (seu público).

CT: Como você vê o ensino e a atividade de tradução no Brasil?

MCC: É difícil dizer isso num país com as dimensões do nosso. Uma avaliação rápida basear-se-ia na produção de trabalhos de docentes e discentes, mas nem sempre me considero tão atualizada a ponto de julgar. Já li coisas muito valiosas, de contribuição histórica e acho que o avanço dos estudos tradutológicos no Brasil está amplamente ligado à democratização do país. Diria, pois, que há uma abertura para que traduções de textos menos “didáticos” e voltados a uma educação homogeneizada da população entraram no mercado em volumes muito maiores. Novas formas de pensar são mais aceitas e a discussão se ampliou. Tudo isso, parece-me, influenciou o ensino da tradução e aumentou as atividades. Sobre a qualidade de ambos, ainda me parece muito irregular, indo de excelente a péssima.

CT: Há uma língua que você prefere traduzir?

MCC: Sim, o francês, já que conheço com boa e maior profundidade.

CT: Como você trata a tradução e as referências culturais?

MCC: Penso que os maiores obstáculos em tradução não são lingüísticos e sim contextuais e culturais. Para citar um exemplo, voltaria ao conto “Feu de braise”, de André Pieyre de Mandiargues, que traduzi. Falava de um baile de brasileiros em Saint-Sulpice, em Paris. Todo o vocabulário se referia ao que é considerado, dentro da cultura francesa, exótico. Lá estavam macacos, palmeiras, tambores, cabaças, papagaios etc. na forma de alusões à cultura

primitiva do Brasil. Ora, não havia nenhuma dificuldade em traduzir esses termos. No texto de chegada, porém, eles perdiam o efeito “exótico” (definamos *ex-optico*, que está fora do alcance do olhar). Para o público brasileiro, nada disso era insólito. Eis um problema a ser encaminhado, de cunho cultural, que gerou uma dissertação de mestrado. Ao tratar um texto literário – e mesmo outros – é necessário levar em consideração as referências culturais, as quais, por sua vez, vão determinar o impacto e a recepção do texto de chegada. Assim, traduzir, nesse sentido, não poderia ser um ato desconectado dos valores sócio-culturais das línguas em questão.

CT: Neste sentido até onde pode ir a liberdade do tradutor, diante destas diferenças entre as línguas?

MCC: Quanto maiores forem seu conhecimento e sua criatividade, maior será sua liberdade. E quando falo de conhecimento, refiro-me não somente à língua, mas aos contextos que envolvem seu trabalho e seus textos. Não sou partidária de que o tradutor possa fazer o que bem entender de seu texto de partida e inventar o que quiser no de chegada, menos ainda da idéia de que um texto não tem autoria e a cada leitura tudo muda. Não obstante haja verdades sobre interferências do sujeito-tradutor, a abolição total de parâmetros pode, a meu ver, levar ao caos. As diferenças entre as línguas devem ser consideradas e estão acopladas a contextos – se este se desfizer totalmente, a obra se descaracteriza inteiramente. Por exemplo, em minha experiência, citaria *A Pequena Fadette* de George Sand; procurei refletir uma linguagem regional, arcaizante, mas compreensível, que, ao que parece, está no original. Isso não quis dizer colocar todos os regionalismos brasileiros num romance que se passa no campo do século XIX francês; alguns termos, por razões muito precisas, foram mais regionais, mas não o tom completo da obra. Limitei-me e guardei, por outro lado, os nomes próprios e a toponímia conforme o original, visando a que o leitor pudesse desfrutar o ambiente da região do Berry daqueles tempos.

Os regionalismos não podiam ser palavras inencontráveis em nossos dicionários, caso contrário, não ajudariam a compor o quadro da obra. O mesmo aconteceu com os termos árabes do romance de Tahar Ben Jelloun, que reflete a cultura marroquina de expressão francesa. Foi preciso conservá-los e, eventualmente esclarecê-los para o público brasileiro.

CT: Você escolhe as obras que traduz? Quais são os critérios que você usa para escolher as obras?

MCC: Antes (ou ao mesmo tempo) de ser tradutora, sou especialista em literatura francesa e professora. A pesquisa e o envolvimento – para retomar o termo que usei – com a cultura francesa e francófona advém de uma seleção de textos conforme determinados cursos que esteja ministrando ou assunto sobre o qual esteja pesquisando. Por quatro anos realizei um site bilíngüe no portal do jornal O Estado de S. Paulo e tomei conhecimento de vários textos e elementos culturais muitas vezes desconhecidos no Brasil. Outras vezes esbarrei em coisas por conta de minhas colaborações como articulista no Caderno 2, revista Cult, Jornal da Tarde. Estive sempre atenta para saber se algum material valioso não estava ainda no mercado brasileiro e poderia pensar em propor sua tradução e edição. Mas como traduzir exige dedicação, sobretudo em se considerando que para conhecer a fundo um autor e sua obra é preciso tempo, guardei algumas dessas idéias e sugestões para o momento oportuno. E, à medida do possível, vou atualizando tais idéias e outras vão surgindo. Para escolher um texto, minha primeira base é o interesse que me desperta pessoalmente e, em seguida, uma ausência no mercado. Com Mandiargues, por exemplo, rompi seu ineditismo no Brasil.

CT: Você já traduziu “Altamente recomendáveis”, uma coletânea de obras infantis. O que difere ao traduzir esse tipo de literatura?

MCC: Essa coleção foi uma oportunidade que surgiu à época, mas devo dizer que não sou especializada nesse tipo de literatura. Procurei, naquele momento, criar uma linguagem que fosse adequada ao público; mais uma vez, pode-se dizer que tudo depende da contextualização. A especificidade do texto infantil está na linguagem, na presença de ilustrações e numa limitação imposta pela faixa etária à qual se dirige a obra.

CT: *Desde seu primeiro contato com a tradução, ao realizar seu mestrado intitulado “Se o outro sou Eu”, você aborda questões entre o Brasil e a França. Por que este é o principal foco de suas traduções e de seus estudos?*

MCC: Conforme mencionei, eu escolhi, para trabalho de mestrado, traduzir um conto de Mandiargues intitulado “Feu de braise”, ou Fogo de brasa, que era o primeiro de toda a obra e seu homônimo. O conto começa com uma frase que já causa impacto, pois fala de uma francesa que ia a um suposto baile de brasileiros em Saint-Sulpice em Paris. O fato é que o conto se desenvolve num ambiente onírico, quase sem vínculo com a realidade, em que se alude a brasileiros misteriosos por meio de elementos pertencentes à selva. Não havia ali um problema que esbarrasse necessariamente na versão dos vocábulos etc. Mas a perda de exotismo me fez questionar o efeito do texto mandiarguiano para o leitor da tradução. Se o interesse maior do conto consistia justamente num jogo com a alteridade e o “outro” em questão era justamente o brasileiro, quais resultados eu poderia obter com a tradução? O que seria exótico para um francês, normalmente, era a mais corriqueira das coisas para um cenário do Brasil. Daí o título de minha dissertação “Se o outro sou seu” e as questões que levantei sobre as imagens de um país para outro, as quais, no meu entender, transcendem a parte formal. Uma solução encontrada e discutida em “Feu de braise” foi ressaltar, na medida do possível, o contraste: uma “selva” instalada num apartamento em Paris... Para tanto, os elementos muito conhe-

cidos da cultura francesa foram destacados com galicismos e outros recursos. Acho que o resultado é bom, mas evidentemente não responde as questões sobre alteridade em tradução; propõe a discussão. Desde então tenho me interessado pelo estudo das imagens e sua implicação para a tradução. Há efeitos de estrangeirismos e adaptações entre muitos outros que me parecem dignos de estudo.

Além disso, eu creio que uma tradução extralingüística ocorra sempre nesses casos, um povo “interpreta” outro, apodera-se de suas próprias lacunas para projetar em outrem seus fantasmas e quimeras. Mas, em se pensando em literatura, essa interpretação ou seu reflexo se manifestam através do texto. E necessitam de uma grande reflexão por parte do tradutor. E me parece que este caminho esteja apenas aberto, além de se mostrar como vasto e quase inesgotável.

CT: De formação tradutológica diferenciada, você conheceu e entrevistou alguns dos autores que traduz, como Tahar Ben Jalloun e Michel Tournier. Em que isto contribuiu para o seu trabalho?

MCC: Isso se refere ao que chamei até aqui de envolvimento. Quando um autor está vivo, conhecê-lo permite saber mais sobre as condições da escritura da obra, por exemplo. Entrar no universo de quem a escreveu, questioná-lo e compartilhar algumas idéias com ele(ela) é muito enriquecedor. Foi o próprio Tahar, por exemplo, que me explicou termos e alusões à mentalidade árabe de seu livro. *Partir* tem questões contemporâneas universais como xenofobia, imigração e diferenças religiosas, além do terrorismo. Discutir tudo isso com o autor permitiu entender melhor o conteúdo geral de seu livro. Uma coisa curiosa: no enredo, o protagonista é um jovem homossexual marroquino que aceita ser amante de um espanhol homossexual já mais velho para poder sair do Marrocos. Obviamente, as conseqüências dessa concessão são as mais tenebrosas. Em pelo menos dois momentos da narrativa, Azel, o personagem, narra que sua crise de impotência sexual começou quan-

do o amante, Miguel, fez uma festa erótica em sua casa obrigando-o a manter relações sexuais com... travestis brasileiros! Ao esbarrar nesse clichê, comentei-o pessoalmente com o autor. Depois de alguns risos, ele me explicou que se inspirara num certo brasileiro homossexual que conhecera e que era de fato excêntrico. Mas sugeri que eu atenuasse o clichê no texto traduzido... Recusei tal proposta, pois não fazia sentido alterar o texto, mas sei o que motivou o clichê e a maneira como foi trabalhado na obra. Costumo dizer que o trabalho de tradução não deve ser solitário, interrompido apenas por algumas visitas à geladeira. É evidente que algumas horas de pesquisa e leitura serão obrigatórias, bem como outras tantas passadas à frente da tela do computador. No entanto, a vivência e o dividir das coisas mais corriqueiras pode jogar luz em situações que levariam a horas de reflexão infrutífera. Aconteceu-me, por exemplo, de estar comentando com uma amiga, num café em São Paulo, que o termo “bessons”, regionalismo para “gêmeos” de Sand não tinha paralelo e eu nada estava gostando do que tentara. A mencionada amiga encontrou-me, por causa de sua infância passada no campo, o termo “babaço”, que, além da semelhança do “b” de “bis”, caía muito bem no contexto. Traduzir é, afinal, ir e vir, é compartilhar, viver.

CT: Qual foi o maior obstáculo que já enfrentou em suas traduções?

MCC: Ainda os destaco na área das referências culturais. São inúmeros os exemplos, mas para permanecer na esfera da minha experiência pessoal, vou citar dois artigos que escrevi sobre tradução de textos eróticos para uma edição especial da revista *A Língua Portuguesa* (2006). Tratava-se de comentar o trabalho de tradução de dois especialistas, um em língua latina e outro, árabe. O que enfrentavam ultrapassava as referências culturais contemporâneas, pois eram textos de organizações sociais que já não existem; o primeiro, da antiga Roma, o outro, das Mil e Uma Noites. Para adequar seus textos, os tradutores precisaram entender uma remo-

ta maneira de encarar a vida, quase que abandonar o olhar contemporâneo que se tem sobre a sexualidade. Eu, particularmente, enfrentei algo assim com o texto da George Sand (*A Pequena Fadette*, 2007), pois é um romance que se desenvolve no campo francês do século XIX, cheio de características ainda medievais, já não mais presentes do mundo hodierno. Antes de traduzir, é preciso “transpor-se” para uma realidade ou para um contexto imaginário distante. Em geral, recuperar no texto de chegada uma visão ou um *modus vivendi* não é tarefa fácil; tampouco se espera que seja totalmente realizável. Mas é um desafio a que tradutor se confrontará e do qual precisa gostar.

Entrevista concedida a Dina Omar & Marie Hélène C. Torres
UFSC

ANEXO**Traduções Publicadas**

TODOROV, Tzvetan, O Espírito das Luzes. São Paulo, Ed. Barcarolla, 2008. Ensaio, (no prelo).

SERRES, Michel, Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2007, 187 p. Entrevista.

BEN JELLON, Tahar, Partir. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2007, 283 p.

BOBIN, Christian. Compasso de fuga. [Por: Mônica Cristina Corrêa]. São Paulo: Ed. Duna Duetto, 2000. 100 p. (La Folle Allure). Romance.

MANDIARGUES, A. P. de. Fogo de Brasa. São Paulo: Iluminuras. 2003, 128 p.

SAND, George. A pequena Fadete. São Paulo: Editora Barcarolla. 2006. 165 p.

TOURNIER, Michel. Elleazar – A fonte e a sarça. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1998. 110 p.

Veneza, Mike. Henri de Toulouse-Lautrec. São Paulo: Moderna, 1997. 32 p. Coleção Mestre das Artes. Prêmio: Altamente recomendável – FNLIJ, 1998.

Veneza, Mike. Edward Hopper. São Paulo: Moderna, 1997. 32 p. Coleção Mestre das Artes. Prêmio: Altamente recomendável – FNLIJ, 1998.